

Dossiê Museus e coleções arqueológicas: perspectivas antropológicas

Apresentação

Dossier Archaeological museums and collections: An- thropological perspectives

Presentation

Cristiana Barreto

Museu Paraense Emílio Goeldi, Pará, Belém, Brasil

cristianabarreto@gmail.com

Camila Azevedo de Moraes Wichers

Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Goiânia, Goiás, Brasil.

camilamoraes@ufg.br

Este dossiê reúne quatro artigos que discutem algumas das principais reflexões acerca dos caminhos trilhados pelos museus e coleções arqueológicas no Brasil, a partir de uma perspectiva antropológica. Essas questões se entrelaçam com o cenário internacional, marcado, nos últimos anos, pela experimentação de práticas museais compartilhadas com distintas comunidades e coletivos. Em especial, mas não somente, com os povos indígenas, ressignificando coleções e possibilitando narrativas multivocais, para além do discurso científico/acadêmico.

Os museus de arqueologia, assim como a prática arqueológica em amplo senso, apesar de lidarem com patrimônios de alta

relevância para essas agendas - muitas vezes testemunhos de histórias de longa duração que importam para o presente e futuro de diferentes coletivos e lugares - enfrentam desafios particulares para caminhar nesta direção. São desafios que se devem tanto às práticas da pesquisa e colecionamento arqueológico, como a concepções institucionais sobre o que deve ser um museu de arqueologia, uma coleção ou até mesmo uma pesquisa arqueológica. Desafios também surgem no âmbito do colecionamento e da ressignificação destes acervos por pessoas, coletivos e comunidades, evidenciando experiências plenas de potencialidade, mas que demandam mudanças no campo jurídico e institucional.

Nesse sentido, o presente dossiê “Museus e coleções arqueológicas: perspectivas antropológicas” da Revista Hawò, do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, é também uma marca no papel histórico dessa instituição na discussão sobre o papel social e político das coleções arqueológicas, enquanto rastros de histórias múltiplas, construídas no presente.

O dossiê é aberto pelo artigo de Maria Cristina Oliveira Bruno “Musealização da arqueologia: alguns subsídios e antecedentes”, que integra dois textos inéditos produzidos pela autora em 2007, mas de relevância atual para a musealização da arqueologia. Pesquisadora de referência no diálogo entre museologia, arqueologia e antropologia, Bruno sintetiza algumas das premissas e contornos desse diálogo, trazendo conceitos como “realidade arqueológica”, “cadeia operatória museológica” e a própria conceituação da musealização da arqueologia. Partilhadas inicialmente com estudantes que compunham a então linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), atualmente Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional

de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), as ideias que compõem o artigo denotam a historicidade das coleções, instituições e reflexões acadêmicas.

De acordo com Bruno, a musealização da arqueologia se organiza a partir de estudos relativos à cadeia operatória de procedimentos museológicos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural). Ou seja, trata-se de observar como se dão esses procedimentos, ou a ausência deles, bem como de intervir nos contextos, transformando-os. Outro conceito central da autora é o de “realidade arqueológica”, formada por coleções e acervos, mas também por referências patrimoniais. Dessa forma, as materialidades compreendidas por nós como arqueológicas compõem o campo de interesse da musealização da arqueologia tanto quanto as referências que constituem as memórias das comunidades envolvidas.

Essa noção demonstra que a musealização da arqueologia está imbricada em processos de construção da memória, envolvendo os silenciamentos e os exílios, colaborando para a construção de regimes discursivos diversos, desde o agenciamento das coisas para a construção da nação, até processos identitários e de pertencimento que se inserem na luta em prol de comunidades subalternizadas pela colonialidade. Por isso, para Bruno, a compreensão das historicidades dos museus e coleções arqueológicas está sempre no horizonte dos esforços da musealização da arqueologia.

Em seguida, o artigo de Meliam Viganó Gaspar, Maria Luiza Clapis Pacheco Chaves, Lucy Gomes de Souza, Iberê Fernando Martins e Filippo Stampanoni Bassi, intitulado “O Acervo Arqueológico no Museu da Amazônia (MUSA): história de formação, organização e documentação”, contribui para o debate

da musealização dos acervos arqueológicos na região amazônica, ao integrar tanto uma reflexão acerca da trajetória histórica dos referidos acervos e museus, como uma análise do panorama das coleções do MUSA, trazendo ainda propostas práticas em torno do software para a criação do banco de dados e da catalogação, que possibilitarão o acesso às informações por públicos variados.

O artigo apresenta o papel do MUSA no estudo de uma “história profunda da Amazônia”, por meio de uma abordagem interdisciplinar entre as ciências naturais e humanas, trazendo de volta a ideia de um Museu de História Natural, mas em consonância com as perspectivas mais contemporâneas da Museologia, com destaque para o diálogo com as populações indígenas: “um museu vivo” que promove “o convívio dos cidadãos na diversidade cultural, biológica, social e política da grande bacia amazônica. Uma junção de parque/reserva natural, jardim botânico e museu [...]”.

De especial importância no trabalho é o esforço de organização das coleções, categorizadas em doações avulsas, coleções herdadas e coleções advindas do endosso de licenciamento ambiental ou de pesquisas acadêmicas. Esse ponto demonstra os distintos modos de aquisição das coleções influenciam na cadeia operatória museológica. São mencionadas as contribuições do Grupo de Trabalho Acervos da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), que tem, em parceria a Rede de Museus e Acervos Arqueológicos (REMAAE), realizado o Fórum de Acervos Arqueológicos, evento anual, bem como estimulado os grupos de debate, demonstrando a vitalidade das discussões que compõem o presente dossiê.

O texto de Gaspar et al. indica a importância dos recursos financeiros advindos dos endossos aos projetos de arqueologia preventiva para a manutenção das coleções. Tal menção, que se repete em pesquisas sobre diferentes instituições ao redor do

Brasil, nos convida a refletir sobre as relações entre arqueologia, projetos desenvolvimentistas e os escassos recursos públicos destinados ao campo da musealização da arqueologia.

Da instituição amazonense, passamos ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA), abordado por Mara Lucia Carret de Vasconcelos e Celina Rosa Santana no artigo “Etnografia da ciência e acervos arqueológicos: o arquivo pessoal de Valentin Calderón e sua contribuição para a musealização das coleções no MAE/UFBA”. O trabalho coloca-se como uma das raras abordagens antropológicas das potencialidades dos arquivos pessoais na compreensão das coleções arqueológicas.

Para isso, as autoras apresentam rastros da biografia do arqueólogo Valentin Calderón, discutindo a ideia de biografia através da etnografia da ciência. A partir da análise do arquivo pessoal de Calderón, doado ao MAE/UFBA em 2013, observamos que o fazer biográfico se configura como uma ferramenta de grande potencial para a musealização da coleção arqueológica do pesquisador, oferecendo novas possibilidades de interpretação desses acervos e fornecendo dados para sua documentação, conservação e comunicação.

Ao desvelarem os arquivos pessoais como construções elaboradas para projeção de determinada imagem, na qual se confundem intenção autobiográfica e intenção de autorrepresentação, as autoras mostram que a seleção e a exclusão são componentes dos espólios documentais, assim como das coleções arqueológicas. Integrar essas múltiplas dimensões pode ser um caminho profícuo para uma antropologia interessada nas coleções arqueológicas enquanto campo de estudo, bem como para uma museologia que pretende intervir no uso social desses contextos.

O dossiê é encerrado com o artigo de Juliana Salles Machado “Histórias roubadas: (des)encontros entre arqueólogos, sítios e

coleções arqueológicas e os Laklãnõ Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC". A autora traz provocações instigantes acerca das teorias, métodos e categorias que nós, arqueólogas/os, estabelecemos para o estudo do que chamamos de sítios e coleções arqueológicas, lançando a questão: para que tais vestígios foram coletados?

Ao roubarmos histórias, encerrando-as em reservas técnicas, com identificações e condições que visam a sua "preservação" estamos mostrando muito mais a respeito de nós, e da ciência moderna e ocidental, do que das pessoas que presumimos "estudar".

O cerne do texto é a reflexão acerca das relações entre os Laklãnõ Xokleng e os sítios e coleções de Walter Piazza e Alroino Eble, advindas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, essas últimas guardadas no Museu de Arqueologia e Etnologia (MARQUE) da Universidade Federal de Santa Catarina. Não obstante, essa reflexão nos inspira a olhar para os acervos arqueológicos depositados em instituições por todo o Brasil, acervos cuidadosamente numerados, categorizados e armazenados, mas cujas relações com distintos coletivos humanos e não humanos foram ignoradas.

Se em um primeiro momento a autora salienta uma busca solitária pelas reservas e laboratórios do museu, ainda que inspirada pelas relações com o povo indígena, no decorrer do estudo Machado foi conduzida por suas/seus interlocutoras/es Laklãnõ Xokleng, iniciando "uma busca por aproximar estes objetos 'órfãos' das prateleiras do museu a uma rede de memória indígena através dos nomes, das toponímias de lugares". O quadro arqueológico potencialmente associado ao povo Laklãnõ Xokleng foi se tornando cada vez mais desafiador para a pesquisa, distante das aproximações que os acadêmicos indígenas buscam e demandando um "caminho de volta" que potencializasse as conexões entre pessoas e coisas. Em diálogo constante com

pesquisas de acadêmicas/os Laklãnõ Xokleng, Machado demonstra a ênfase desse povo nas paisagens e lugares de memória. A construção de mapas e materiais audiovisuais também se colocou como importante nesse caminho, nunca completado, pois sempre fugidio, como nos adverte a autora.

Uma situação narrada no artigo nos parece especialmente provocadora: os Laklãnõ Xokleng escolheram o local da casa do funcionário do SPI para ser escavado durante a pesquisa, “nada mais apropriado uma metodologia de branco para uma casa de branco”.

É interessante notar que tanto o artigo de Vasconcelos e Santana como o de Machado lidam com acervos formados por práticas arqueológicas que moldaram profundamente a arqueologia brasileira no século XX. São acervos deixados pelos arqueólogos Calderón na Bahia, e Piazza e Eble em Santa Catarina, todos integrantes do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), projeto que organizou a pesquisa arqueológica no país e, conseqüentemente, a musealização dos acervos gerados, deixando-os à margem tanto dos coletivos humanos a eles diretamente relacionados, como de outros campos disciplinares como a antropologia e a história. Voltar a estes acervos e reconectá-los às memórias, histórias e distintas ontologias, como mostram as autoras, é uma prática tanto necessária para quebrar o silenciamento dos acervos, como para fazer valer o potencial intrínseco às coleções arqueológicas de ressignificação e usos sociais no tempo presente.

Interessa-nos finalizar essa apresentação salientando que os museus e as coleções arqueológicas colocam-se como espaços e práticas para a reflexão antropológica, arqueológica e museológica, dentro outros campos disciplinares, epistemologias e ontologias. Como ferramentas que nos permitem intervir na construção das memórias e histórias. A Musealização da Arqueologia, que inicia

esse dossiê, está sempre em movimento, com bases que se enriquecem com os desafios que vimos a partir dos trabalhos no Museu da Amazônia, da coleção arqueológica e do arquivo pessoal de Valentin Calderón, no MAE/UFBA, e com o acervo do MARQUE e as provocações das/os Laklãñõ Xokleng.

Com nossos agradecimentos à equipe da Revista Hawò, do Museu Antropológico da UFG, em especial aos editores Manuel Ferreira Lima Filho e Indira Nahomi Viana Caballero, e à Claudia Regina Ribeiro Rocha, pelo fundamental auxílio na normatização do dossiê.